**A Síria após a era da família Assad: esperanças renovadas e inúmeros perigos**



Figura - Civis ateiam fogo em fotos em Homs, oeste da Síria - Fonte da imagem: Reuters

Os recentes desenvolvimentos na Síria chamaram a atenção de todo o mundo, ao mesmo tempo em que marginalizaram os massacres cometidos pela entidade sionista em Gaza, dia e noite. As opiniões e análises variaram sobre os acontecimentos dos onze dias que derrubaram o regime mais opressivo da era moderna, enquanto a Síria permanecia cativa sob Assad, o pai, e Assad, o filho, durante 54 anos.

A maioria do povo sírio hoje conhece apenas esses dois presidentes, que levantaram e mantiveram o slogan: "Assad é nosso líder para sempre". Com a eclosão dos protestos populares em 2011, foi acrescentado um complemento a esse lema: "Assad ou nós queimamos o país."

Gostaria de defender minha posição, assim como fez a esmagadora maioria dos escritores, comentaristas e analistas, que se dividiram em dois grupos, como ocorreu em 2011. Alguns celebraram com entusiasmo a queda do regime, enquanto outros consideraram que a última cidadela do eixo da resistência havia caído e que o "novo Oriente Médio", sob a hegemonia israelense, agora era uma realidade.

Minha opinião tende a combinar as duas posições, como em 2011, quando declarei estar com a Síria, e não com o regime. Apesar de me alegrar com a queda do regime, que considero sem igual em termos de repressão, exceto pelo da família Kim – avô, filho e neto – na Coreia do Norte, também quero chamar a atenção para uma série de riscos, armadilhas e ameaças que podem emergir nos próximos dias.

Até agora, não presenciamos atos de vingança ou ataques contra seitas ou minorias. O apelo a uma anistia geral para qualquer pessoa do exército e dos serviços de segurança que depusesse suas armas foi um passo correto, que deve ser seguido por outras ações igualmente acertadas.

Ninguém ama mais o seu país do que o povo sírio. Esses milhões que saíram às ruas para celebrar a queda do regime não foram motivados por ninguém além da dor que vivenciaram e da tristeza pelos entes queridos que perderam em Hama, Ghouta, Madaya, Darayya, Zabadani, Homs, Aleppo e outros locais. Milhões de refugiados têm o direito de se alegrar com o retorno às suas casas, mesmo que as encontrem destruídas, enquanto milhões de deslocados internos começaram a voltar com sentimentos profundos de amor por sua terra, casa, aldeia e vizinhança.

Dezenas de milhares de pessoas que reencontraram seus entes queridos após a libertação das prisões têm o direito de dançar nas ruas, depois de terem perdido a esperança de um dia respirar o ar da liberdade. Isso inclui mais de 900 palestinos que foram vítimas da Divisão de Inteligência Palestina, além de milhares de libaneses e jordanianos.

O que foi revelado até agora sobre os crimes e a corrupção do regime não passa de uma introdução a volumes inteiros, especialmente no que diz respeito ao que acontecia nas prisões. Tudo isso será documentado para que as gerações futuras compreendam essa era sombria na história da Síria.

O notável é que muitos dos que apoiavam o regime começaram a declarar sua inocência em relação a ele, sendo o primeiro o embaixador do regime em Moscou, Bashar al-Jaafari, que foi o primeiro a hastear a nova e antiga bandeira da Síria (adotada em 1932). A delegação síria nas Nações Unidas também deu boas-vindas à representante da nova revolução e recebeu dela a nova bandeira, com sorrisos estampados em todos os rostos. Não devemos ser egoístas e silenciar diante dos crimes do regime contra seu povo, mesmo que esse regime tenha apoiado a Palestina (uma questão que, no momento, não cabe discutir).

Até agora, não presenciamos massacres, operações de vingança, ataques, ou agressões a seitas ou minorias. O apelo a uma anistia geral para qualquer pessoa do exército e dos serviços de segurança que depusesse suas armas foi um passo acertado, que deve ser seguido por outras ações igualmente corretas, sendo a mais importante a proteção das propriedades e das instituições públicas. A ênfase na proteção das minorias e a permissão para a livre instalação de árvores de Natal e a prática de rituais religiosos são sinais promissores. Esperamos que a bússola não desvie para a perseguição de minorias religiosas e étnicas, e que não assistamos à repetição da experiência dos Talibãs, apesar de todas as promessas que fizeram.

Não ouvimos, vimos ou lemos sobre minorias externas ao território sírio participando das operações de controle das cidades, uma após a outra. Nem chechenos, nem tadjiques, nem uzbeques, nem turcomanos. É evidente que, nos últimos quatro anos, desde o acordo de 2020, Hay'at Tahrir al-Sham e o Exército Sírio Livre trabalharam para eliminar pequenos grupos, expulsar estrangeiros e unificar facções sírias, voluntária ou involuntariamente, até que o último movimento foi quase completamente unificado. Isso ocorreu após o país ter sido inundado com todos os tipos de terroristas, extremistas e oportunistas, que o fragmentaram em inúmeras facções.

Parece que lições foram aprendidas com os erros do passado, afastando-se do extremismo e do fanatismo. Esperamos que essa tendência continue, conduzindo o país com segurança para um futuro mais promissor.

Não há dúvida de que o regime não teria caído tão facilmente se o exército não tivesse abandonado o regime e se recusado a participar de batalhas sangrentas como antes, a exemplo do exército de Mubarak no Egito e do exército de Ben Ali na Tunísia. O moral do exército entrou em colapso, com o salário de um soldado não ultrapassando dez dólares e o de um oficial não passando de 25 dólares. Al-Assad tentou persuadi-los, no primeiro dia do movimento, em 27 de novembro, dobrando seus salários. Contudo, essa medida foi tomada tarde demais e não convenceu ninguém.

Também não há dúvidas de que a Turquia desempenhou um papel fundamental na organização dos grupos armados, fornecendo treinamento e armamento. Erdogan sentiu-se insultado ao estender a mão a Bashar e aceitar, por três vezes, a proposta russa de se reunir com Assad, que se recusou a participar dos encontros. A Rússia conseguiu organizar reuniões entre os ministros da Defesa da Turquia e da Síria, bem como entre os chefes das duas agências de inteligência. No entanto, a recusa de Bashar em reunir-se com Erdogan levou o presidente turco a intensificar seu envolvimento nos preparativos para os grupos armados na província de Idlib, especialmente após o aumento da intensidade dos ataques do Partido dos Trabalhadores do Curdistão e a operação de Ancara contra a sede dos grupos armados, na empresa Aircraft and Space Industries, em 23 de outubro.

Erdogan também enfrentava grande pressão interna, evidenciada nas eleições anteriores, quando não conseguiu alcançar 51% dos votos na primeira rodada. A questão síria foi um ponto sensível em sua campanha eleitoral, seja devido aos refugiados sírios no país, que somam cerca de quatro milhões, ou aos três milhões de pessoas em Idlib, que dependem principalmente da ajuda turca. Essa ajuda agravou as condições econômicas da Turquia, contribuindo para que o valor da lira turca atingisse níveis historicamente baixos.

A Rússia também abandonou Assad, pois não tinha condições de se envolver em uma guerra devastadora como a de 2015, devido ao conflito na Ucrânia e à decisão dos Estados Unidos de permitir que Kiev usasse armas de longo alcance contra centros populacionais na Rússia. Além disso, o Kremlin está insatisfeito com o desempenho de Assad, mesmo após entregar-lhe Aleppo em 2016. Desde então, Assad não tomou nenhuma medida significativa para melhorar o país ou ampliar a participação e a reconciliação nacional.

Em vez de reconstruir a Síria, Maher al-Assad e sua Quarta Divisão especializaram-se na produção em larga escala de pílulas alucinógenas "Captagon", exportadas principalmente para o Golfo por meio da Jordânia. Essa atividade levou a Força Aérea Jordaniana a realizar uma série de ataques na fronteira com a Síria.

Não devemos esquecer que as relações entre o regime e o Irã também estavam tensas devido às violações de segurança e ao ataque a todos os sites iranianos na Síria, além da falta de apoio ao Hezbollah durante sua participação no apoio à frente de Gaza. Não há dúvida de que o Hezbollah também estava incomodado com a postura do regime, devido a esse afastamento, a ponto de Assad ter enviado uma mensagem de condolências pela morte de Hassan Nasrallah apenas três dias depois, direcionando-a à resistência libanesa e não ao partido. Assim, Assad estava isolado, e suas relações não eram boas nem com a Rússia, nem com o Irã, nem com o Hezbollah. Após a trégua entre o Líbano e Israel, parece que a liderança da Hay'at Tahrir al-Sham viu que era o momento de agir.

Por fim, gostaria de afirmar que os desafios enfrentados pelas novas lideranças são enormes, especialmente porque Israel aproveitou o vácuo de segurança e militar para destruir todas as capacidades do Estado sírio. Concordamos que a prioridade deve ser a reconstrução, o retorno dos refugiados e deslocados, a criação de instituições e a organização do país. No entanto, julgaremos a nova fase com base nas ações, e não nos slogans. Queremos ver a construção da Síria moderna sobre os pilares da liberdade, democracia, pluralismo, proteção das minorias, liberdade religiosa, respeito aos direitos humanos e justiça para as mulheres. E, antes de tudo, queremos ver o estabelecimento de um Estado de direito, com uma constituição abrangente que seja acordada pelos filhos e filhas do grande povo sírio.

Heba Ayyad

Jornalista internacional

Escritora Palestina Brasileira